O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 13 | Nº 38 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.7646771

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

A TATUAGEM ENQUANTO PRÁTICA: SABERES CONSTRUÍDOS NA INTERAÇÃO ENTRE HABITUS E CONHECIMENTO SENSÍVEL

Rúbia Goi Becker [1]

Simone Alves Pacheco de Campos[2]

Cátia Camila da Silva[3]

Amanda Oliveira Ramadam[4]

Resumo

Este ensaio teórico objetiva desenvolver uma articulação teórica entre o conhecimento sensível e habitus para compreender como a prática da tatuagem é produzida, reproduzida e transformada. Situado em uma lógica construtivista, argumenta-se a prática da tatuagem é decorrente das interações entre prática e saberes oriundos dos sentidos/percepções humanas e mediadas por artefatos, sendo internalizados pelos praticantes como um habitus compartilhado. O processo de knowing-in-practice figura a relação existente entre o conhecimento sensível, expresso pelo julgamento estético que orienta o fazer, e entre o habitus presente na subjetividade das interações invisíveis na prática. É na combinação entre um habitus estruturado e estruturante e o conhecimento sensível que os saberes da prática da tatuagem são incorporados ao corpo e à mente, tornando-se parte da forma como as pessoas percebem, interpretam e agem no mundo.

Palavras Chave: Conhecimento Sensível; Estudos Baseados em Prática; Habitus.

Abstract

This theoretical essay aims to develop a theoretical articulation between sensitive knowledge and habitus to understand how tattoo practice is produced, reproduced and transformed. Situated in a constructivist logic, it is argued the practice of tattooing is due to the interactions between practice and knowledge derived from human senses/perceptions and mediated by artifacts, being internalized by practitioners as a shared habitus. The knowing-in-practice process figures the relationship between sensitive knowledge, expressed by the aesthetic judgment that guides doing, and between the habitus present in the subjectivity of invisible interactions in practice. It is in the combination of a structured and structuring habitus and sensitive knowledge that the knowledge of tattoo practice is incorporated into the body and mind, becoming part of the way people perceive, interpret and act in the world.

Keywords: Aesthetic Knowledge; Practice Based Studies; Habitus; Knowing-in-Practice.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem organizacional (AO), enquanto um campo multiparadigmático e complexo, têm despertado o interesse de pesquisadores de distintas abordagens ontológicas e epistemológicas (DURANTE *et al*., 2019). Durante muito tempo a literatura sobre AO manteve-se guiada por um viés utilitarista e pela racionalidade instrumental, apoiada por um caráter cognitivista e comportamental, cujo propósito está na melhoria no desempenho organizacional (GHERARDI, 2006; ANTONELLO; GODOY, 2010; BISPO; GODOY, 2012; BERTOLIN; ZWICK; BRITO, 2013). Situada neste

[1] Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: rubiagoibecker@gmail.com
[2] Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: simone.campos@ufsm.br
[3] Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: catiacamiladasilva@gmail.com
[4] Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: amandaramadam@gmail.com

posicionamento, a aprendizagem decorre de um processo de aquisição de conhecimento individual, com vistas a gerar valor à organização – armazenar conceitos, habilidades e comportamentos –, ou gerar desenvolvimento individual – viés estático e cognitivo (FLACH; ANTONELLO, 2011).

Foi a partir dos anos 80 que a temática da aprendizagem passou a ganhar novos direcionamentos de pesquisa dentro do campo de estudos organizacionais, ampliando o debate sobre a natureza da aprendizagem e do conhecimento organizacional (ANTONELLO, 2005), propondo uma mudança de *status* do conhecimento, avançando para a compreensão deste enquanto uma atividade situada na prática (GHERARDI, 2018). Amparando-se na perspectiva sociológica, a aprendizagem passa a ser concebida por uma visão baseada na prática (CORRADI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010; NICOLINI, 2013), abrindo caminho para a construção de uma literatura rica e pluralista nas esferas do aprender e organizar, interessando-se pela análise de um fazer do saber coletivo situado na atividade de trabalho (CUEL, 2020).

A prática como uma forma de organizar a vida social, traz para dentro do campo de estudos organizacionais o debate científico sobre organizações e o processo de organizar, reconhecendo outros objetos como possibilidade de análise para além da centralidade dos estudos realizados em empresas (SIQUEIRA; SILVA; SILVA, 2021). Sob esta orientação, os estudos baseados na prática (EBP) sugerem o repensar dos processos de *learning* e *organizing*, contrapondo linhas de pensamento mais pragmáticas, à medida que desafiam a compreensão convencional do social – centrada no ser humano –, e propondo um retorno à prática na aprendizagem e do *knowing* na organização (GHERARDI, 2018).

A aprendizagem como uma realização prática sustenta a tese de que o ser que aprende não pode ser desconectado do mundo no momento em que desenvolve o seu processo de aprendizagem, uma vez que o saber e o fazer estão enredados por meio da prática. Neste ponto, abre-se caminho para pesquisas que se ocupem em compreender a AO em contextos periféricos da economia, tais como trabalhos informais, precários, manuais, artísticos e artesanais, por vezes, reconhecidos como *outsiders*, revelando processos e práticas que geralmente são ignoradas pelo discurso organizacional hegemônico (BARCELLOS; DELLAGNELO, 2014).

Para as autoras Gherardi e Perotta (2014) para tornar-se profissionais os praticantes passam por um processo de socialização, o qual permite que os novatos aprendam como performar uma série ações que fazem a prática ser reconhecida por uma determinada comunidade de praticantes. Ao lançar o olhar sobre as práticas das quais a vida cotidiana é feita, acredita-se ser possível trazer para a tônica dos estudos organizacionais, discussões sobre o *knowing-in-practice* que constituem a realidade de certas profissões e ofícios que não podem ser aprendidos de formas descritivas e cognitivas (SIQUEIRA; SILVA; SILVA, 2021). Ao trazer à tônica dos estudos de aprendizagem um olhar social-estético,

acredita-se ser possível evidenciar maneiras aparentemente inócuas de fazer coisas do dia a dia, tão habituadas que quase se tornam invisíveis ou, no mínimo, pouco notáveis.

Nesta perspectiva, figurando como ator central em termos de saber, aprender e organizar, a prática pode ser explorada a partir de três formas (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011): i) um foco empírico – como as pessoas agem em contextos organizacionais; ii) um foco teórico – as relações entre as ações que as pessoas realizam e as estruturas da vida organizacional; e iii) um foco filosófico – o papel constitutivo das práticas na produção da realidade organizacional. Neste âmbito, este trabalho está posicionado dentro da terceira forma de estudo da prática, envolvendo um enfoque teórico que objetiva traçar uma articulação entre o conhecimento sensível de Strati e o *habitus* de Bourdieu (1985) para compreender como a prática da tatuagem é produzida, reproduzida e transformada.

Ao fomentar as discussões sobre o processo de aprendizagem pela prática, este ensaio apoia-se no processo de *knowing-in-practice*, para elucidar como trabalhos considerados comuns pelo seu caráter manual e/ou artesanal. Tomando como exemplo a prática da tatuagem, busca-se criar conexões que permitam o entendimento sobre como o conhecimento oriundo de uma natureza não científica é construído, impossível de ser transferido de um indivíduo a outro, devido seu caráter não inteligível (ROSE, 2007), é apreendido pela prática.

Neste sentido, para desvendar o processo de aprendizagem de formas de trabalho em que o conhecimento nasce das atividades propriamente ditas (BARATO, 2004), os EBP representam o plano de fundo das discussões sobre o trabalho realizado pela ação humana em si – saber em prática –, bem como do conhecimento que se tem na mente (COOK; BROWN, 1999), embasando a compreensão da aprendizagem que se dá na experiência sensível, envolvendo a interação com artefatos (instrumentos, tecnologias e objetos) que participam e constituem o cotidiano da atividade (GHERARDI, 2012). Diante deste entendimento, sugere-se que em trabalhos como o da tatuagem, cujo saber e o fazer são tidos como entrelaçados, o *know-how* decorre da ativação das faculdades perceptivas-sensoriais do corpo e da experimentação interativa, as quais são responsáveis por guiar os entendimentos e dimensionamentos acerca da (re)produção dos saberes na prática.

O desempenho do praticante também é orientado pelo *habitus* de uma determinada comunidade de profissionais, sendo responsável pela definição sobre a boa prática, incorporada como um gosto necessário para refinar as práticas enquanto habilmente as repete (GHERARDI, 2013). À medida em que condiciona entre os praticantes o mesmo julgamento sobre o que faz ou não sentido, o *habitus* está intimamente relacionado ao modo como os indivíduos constroem saberes e se tornam praticantes, ou seja, sejam reconhecidos como profissionais, membros de determinado campo social. O *habitus* refere-se ao sentido lógico das práticas que produzem e reproduzem uma ordem social que se expressa em

disposições para a ação, em princípios geradores e organizadores de práticas socialmente construídas (BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

Acredita-se que a relação entre prática, conhecimento sensível e *hábitus* representa uma bússola para argumentar sobre o processo de (re)produção dos saberes no trabalho e sua recursividade, até tornarem-se parte de um gosto, que é capaz de estabilizar e institucionalizar determinados modos de fazer. A articulação, *habitus* (BOURDIEU, 1992) e conhecimento sensível (STRATI, 2007b) enreda disposições normativas negociadas pelos praticantes entre si, atuando como guia em direção a boa prática. Ao conceber a tatuagem enquanto prática discute-se a possibilidade de imprimir a transformação da compreensão do conhecimento enquanto algo que reside na cabeça de uma pessoa ou em um livro, para a ideia de prática como o lócus de fazer, aprender e organizar com conhecimento, em conformidade ao que defendem Gherardi, Nicolini e Odella (1998).

A importância de atentar para trabalhos comuns, está na possibilidade de ampliar as oportunidades de aprendizagem e as possibilidades de conexões instrucionais entre diferentes habilidades e conhecimentos (LOPES; SOUZA; IPIRANGA, 2014; SILVA; MELO; VASCONCELOS, 2014; CHIESA *et al*., 2015; FIGUEIREDO; CAVEDON, 2015; GALLON *et al*., 2016; SIMPSON; PULLEN, 2018), mostra-se instigante à medida que encena dentro do campo científico discussões sobre trabalhos de caráter institucionalizado ou não (ROSE, 2007), formados por conhecimentos pré-verbais e pré-individuais produzidos no fazer do dia a dia (GHERARDI, 2018).

Ao propor a compreensão estética no estudo da prática da tatuagem, busca-se trazer a tônica dos estudos organizacionais formas de trabalho em que os indivíduos aprendem a fisicalidade dos artefatos durante a relação dos sujeitos como o conhecimento, mediados por instrumentos de forma factual. Neste âmbito, a tatuagem é posicionada dentro de um contexto estético, em que o preço de entrada no campo parece ir ao encontro das disposições sociais que Bourdieu (1998) chama de *habitus*, e atuam como disposições incorporadas quase posturais. Busca-se contribuir com ganhos teóricos válidos para os estudos organizacionais, ao articular em palavras a experiência sensível incorporada (tácita, estética e incorporada), ou seja, aqueles conhecimentos elusivos que são aprendidos, mas mantidos em silêncio dentro de uma prática de trabalho.

Por fim, ao representar a prática como parte de um *habitus,* entende-se que por meio deste torna-se possível o exercício competente da mesma ação ao longo do tempo e, portanto, a repetição e reprodução do saber-fazer que a caracteriza como prática social no cotidiano. Além disso, este estudo proporciona uma melhor compreensão dos estudos de autores como Gherardi, Strati e Bourdieu para área dos estudos organizacionais. Diante disso, este ensaio teórico foi estruturado em três partes, além da introdução. Na segunda parte, apresenta-se o desenvolvimento conceitual do trabalho, discorrendo

sobre a construção dos saberes na prática da tatuagem, a prática da tatuagem condicionada a uma teia de sentidos e artefatos, além da incorporação e construção do *habitus* condicionado ao fazer da prática cotidiana. Por fim, na terceira seção são apresentadas as considerações finais sobre os temas em questão.

A APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA: A CONSTRUÇÃO DOS SABERES NA PRÁTICA DA TATUAGEM

A virada para a prática na literatura sobre aprender e saber, trouxe para à tônica dos estudos organizacionais o interesse pelo conhecimento prático e incorporado, presente nas atividades reais, que por muito tempo foi negligenciado por este campo de pesquisa (BISPO; GHERARDI, 2019). A redescoberta do conceito de prática suscitou o interesse pela investigação do social enquanto um acontecendo, sempre inacabado, em constante (re)construção (NICOLINI, 2013). Com isso, a aprendizagem pode ser entendida como um processo de *learning-in-organizing*, dando a ideia de movimento constante tanto da aprendizagem quanto da organização.

A medida em que reivindicam a AO como uma construção social, as teorias da prática contribuem para atribuir um novo significado a prática no discurso analítico das ciências sociais contemporâneas (GHERARDI, 2009a). O objetivo é desvendar o *know-how*, ou seja, como chegamos a saber o que sabemos, através uma a atividade corporal de ver, dizer e fazer (GHERARDI, 2006; 2018). Os EBP enquanto um conceito guarda-chuva, conjugam pesquisas de cunho construcionista, analisando a organização a partir da prática como unidade de análise e construção epistemológica (BISPO, 2013). Entre as abordagens que emergiram destas discussões estão as comunidades de prática (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003), a estética e o conhecimento sensível (YANOW, 2001; STRATI, 2000, 2003, 2007b), a teoria ator-rede (LATOUR, 1999; 2005), a teoria da atividade (BLACKLER; CRUMP; MCDONALD, 2003) e a estratégia como prática (WHITTINGTON, 1996). Entre estes estudos, o lócus de análise é o campo social dos processos de aprendizagem e geração de conhecimento, utilizando-se da prática para compreender os fenômenos sociais e organizacionais (DURANTE *et al*., 2019).

A prática enquanto objeto de conhecimento é múltipla e fluida, contribuindo para desvendar formas de conhecimento até então ignoradas pelas abordagens clássicas, tais como o conhecimento prático e outras formas de conhecimento que estão fora do domínio cognitivo, com destaque ao conhecimento tácito, conhecimento sensível e incorporado (GHERARDI; STRATI, 2016; GHERARDI, 2018). Entende-se que para compreender como a prática é formada e como se articula (GHERADI, 2018) é preciso debruçar-se sobre o conhecimento enquanto um devir, próprio de contextos sociomateriais pré-ordenados nos quais a prática se desenvolve (BISPO; GHERARDI, 2019). Desta

forma, os esquemas práticos de construção do conhecimento centram-se no fazer humano e não nas formas de conhecer esse fazer, a partir de uma racionalidade contextual que reconhece a interconexão entre atores, materialidade, discursos e saberes, gerando uma mudança em direção a temporalidade e a atividade situada (GHERARDI, 2018).

Nesta relação entre prática e conhecimento, o conhecimento tácito, aqui entendido como saberes, é revelado no e pelo fazer, sendo aprendido através da atuação na prática, permeado por elementos de hábitos, *habitus* e habitualização (GHERARDI, 2009b). Assim, ao apoiar-se na interação, a prática articular um saber pré-verbal, permitindo que o praticante apreenda competências corporais que são específicas a um determinado fazer, a partir da conexão com artefatos mutuamente inteligíveis (GHERARDI; STRATI, 2014; GHERARDI, 2018). Neste sentido, certos nuances da prática não podem ser acessados de outra forma que não pela experiência sensível, visto que, é por meio de suas percepções sensoriais que os indivíduos descobrem e compreendem o que e como deve ser feito no interior da praticidade da vida cotidiana.

Concebida como um ente discursivo, a prática permite que o *knowing* e o *organizing* se articulem como processos históricos, materiais e indeterminados (GHERARDI, 2000). Isso posto, a aprendizagem ocorre a partir da capacidade do praticante de (re)produzir os saberes necessários para o desempenho de determinada atividade, conjugando objetos, ferramentas e artefatos, que em interação incorporam conhecimento e ancoram as práticas em sua materialidade (GHERARDI, 2009a). O termo *knowing-in-practice* (GHERARDI, 2001; ORLIKOWSKI, 2002) sanciona a passagem do substantivo para o verbo, sugerindo o saber como uma atuação e uma realização, ao invés de uma coisa ou uma propriedade estática.

Enquanto aciona um saber que ocorre no âmbito da percepção sensorial, a prática é peça elementar da construção social do conhecimento e do mundo, assumindo significados e factude (GHERARDI, 2009a). Entre as discussões que emergem da teoria da prática, estão as que buscam compreender a construção do conhecimento das formas de trabalhos ditos comuns, cujo saber não decorre da aprendizagem formal, mas emerge no cotidiano do fazer, apoiando-se na experiência sensível e no *habitus* que orienta o reconhecimento do ofício como prática social. O conhecimento não é explicitado unicamente pelo saber explicativo ou teórico, mas por uma teia de saberes conectados e entrelaçados por meio de artefatos, significados, arranjos espaciais e práticas incorporadas – conhecimento sensível – (SIMPSON; PULLEN, 2018), refletindo a concepção de um conhecimento informal e sensível.

Neste sentido, tomando a tatuagem como prática, é possível atentar aos nuances da construção do conhecimento sobre este trabalho que vai além do saber técnico, elucidando o conhecimento que se

constitui em consonância ao imaginário, ao inconsciente, às condições de produção, a memória e ao *habitus* que o indivíduo que realiza a prática traz consigo. Aquilo que é 'sabido' constitui-se em fazer com conhecimento, em atividades com propósito, de modo que, o conhecimento inerente ao trabalho não se reduz apenas ao que o trabalhador sabe – conhecimento armazenado – mas também às ações que ele está realizando em determinado contexto. O conhecimento é mediado por relações sociais e o *knowing* é parte incorporada de uma entrega para um hábito social, conjugando saberes mantidos, distribuídos, fragmentados, usados e transmitidos à elementos humanos, discursivos e materiais.

A incorporação de conhecimento se dá na transformação de práticas pela absorção daquilo que é observado e posterior prática no exercício manual, mediante a erros e acertos, apoiando-se em ferramentas de uso instintivo, na observação ou compartilhamento de experiências sensíveis. O caráter situado confere proeminência às realizações coletivas, possibilitando que as pessoas construam saberes ao agir, interagir, olhar, ouvir, sentir e julgar esteticamente (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003). O saber então ampara-se no julgamento estético, sendo este responsável por estruturar a compreensão compartilhada e a justificativa que define o modo de praticar de uma comunidade profissional específica (GHERARDI, 2009a). Assim, os praticantes não apenas sustentam as práticas socialmente, mas contribuem tanto para o vínculo dos praticantes com o que fazem quanto para a dinâmica da mudança incessante nas práticas enquanto elas são praticadas.

Segundo Fonseca (2013), a aprendizagem por meio do acompanhamento de profissional experiente, permite verificar se a aprendizagem está atingindo o propósito desejado, ancorado na incorporação dos saberes ensinados no cotidiano. No caso da prática da tatuagem, Ferreira (2014) reconhece a relação de discípulo-mestre, adquiridas pela observação direta de profissionais durante a prática cotidiana, que depois serão assimiladas como um conjunto de disposições negociadas pelo aprendiz no desempenho da prática. Trata-se da eminência do conhecimento pela articulação de elementos habituais, tais como artefatos que corroboram para a execução competente de uma prática social, entrelaçados e estabilizados como uma ação coletiva conhecedora, situada no tempo e no espaço (GHERARDI, 2009a).

Olhar para a prática, enquanto um fluxo permanente de interconexões em movimento, em meio as quais os saberes são constantemente combinados e recombinados (GHERARDI, 2018), permite evidenciar como indivíduos e grupos negociam significados de palavras, ações, situações e artefatos materiais, seja no âmbito da vida cotidiana ou das organizações de trabalho (GHERARDI; NICOLINI; ODELLA, 1998). Frente a indissociabilidade entre *learning* e *knowing*, que ocorrem no fluxo da experiência com ou sem tomada de consciência do indivíduo que a realiza (GHERARDI, 2006), a prática encontra-se imersa na ação, sendo sustentada pelo *habitus*, enquanto um conjunto de disposições

corporais e mentais incorporadas pelos atores em sua trajetória individual socioprofissional (BOURDIEU, 1984, 1994). Para Bourdieu (1992, 1993), a prática se refere a momentos em que o *habitus* está engajado com um campo cultural, conferindo-lhe uma lógica própria, um conjunto de regras culturais e sociais.

A praticidade conjuga uma natureza inefável e inarticulada do conhecimento que emerge no cotidiano do fazer, não sendo possível transmiti-lo ou verbalizá-lo de um indivíduo a outro, somente inteligível a partir de um nexo analítico entre *habitus* e conhecimento sensível, de forma a clarificar e estabelecer entendimentos sobre o *know-how* que conduz a performatividade da prática. Assim, existem certos entendimentos, que se formam durante o desempenho de uma prática, que só podem ser traduzidos pelos praticantes que o fazem, decorrente da natureza de um conhecimento que não pode ser transferido diretamente, mas que é redesenvolvido pela participação na prática, estando profundamente enraizado na dimensão tácita, enquanto coisas que os indivíduos não podem simplesmente dizer como sabem ou fazem (POLANYI, 1966).

Concernente a isso, pode-se situar o entendimento de prática entre *habitus* e ação (GHERARDI, 2008), uma vez que para praticar o indivíduo utiliza-se do sistema de regras e predisposições que orientam e configuram a prática socialmente aceita por praticantes profissionais, mas que também envolve um modo de saber que emerge da repetição de atividades e do caráter de ação intencional, o que faz com que não possa ser reconhecida apenas como *habitus* nem como uma ação (GHERARDI; STRATI, 2014). Gherardi (2009a) explica que o que faz uma prática ser socialmente reconhecida como tal é a sua institucionalização, mesmo quando esse processo é contestado e desafiado. Ou seja, uma prática é institucionalizada quando é estabilizada pelos praticantes na medida em que eles a executam no ambiente organizacional (GHERARDI, 2009a).

A reprodução de uma prática repetidas vezes leva ao seu refinamento, sendo este validado e assumido por outros praticantes a partir do compartilhamento do *habitus*, fazendo com que a prática seja reconhecível dentro do seu contexto social, adquirindo um significado intersubjetivo. A constante negociação do que se pensa ser uma maneira correta ou incorreta de praticar é determinada por uma materialidade de regras e normas, e por uma não materialidade de valores, costumes e hábitos (GHERARDI, 2009a).

Tanto o *habitus* como o conhecimento sensível sustentam a produção da prática enquanto uma ação rotineira que, ao ser reconhecida e compartilhada por um grupo de praticantes, torna-se parte de um modo de fazer profissional socialmente construído. Assim, estes elementos enquanto entrelaçados, são entendidos sendo tanto estruturados como estruturantes da articulação entre atores e estruturas na (re)produção de saberes entremeados ao processo de AO. Neste aspecto, postula-se que a construção dos

saberes na prática ocorre "entre" o *habitus* e o conhecimento sensível, entre o que pode ser compartilhado e o que pode ser incorporado, ou seja, aprendido através da rotina.

A PRÁTICA DA TATUAGEM CONDICIONADA A UMA TEIA DE SENTIDOS E ARTEFATOS

No contexto dos estudos organizacionais, a estética ancora o fazer da prática no dia a dia do trabalho nas organizações, de modo que, através do conhecimento sensível e do julgamento estético abre caminho para o reconhecimento das percepções mentais e sensoriais – experiências sensíveis –, como fonte de saberes, diante das quais, as práticas assumem significados e facticidade (STRATI, 1999). Entrelaçados neste fazer estão os aspectos das faculdades perceptivas humanas e a sensibilidade performativa da pesquisa estética sobre organização, contribuindo para superar a dicotomia mente-corpo, introduzindo sentimentos e sensações que representam uma forma de saber não cognitivo (ANTONELLO, 2011).

Dentro das abordagens estéticas, há uma linha de investigação que tem uma raiz comum nos EBP, concentrando-se no conhecimento sensível e em como as pessoas empregam seus corpos em práticas de trabalho (HANCOCK; TYLER, 2000; STRATI, 2003). A estética possibilita compreender como ocorre a construção do conhecimento no cotidiano organizacional (STRATI, 1992), de modo a envolver o julgamento estético (daquilo que é bom, belo, feio ou ruim) e o conhecimento produzido na ativação dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) (STRATI, 2003).

Ao debruçar-se sobre o estudo do *knowing-in-practice* em trabalhos como o da tatuagem, é possível discutir sobre a incorporação do conhecimento pelos indivíduos, decorrente de suas percepções sensoriais e entendimentos elusivos que se revelam na prática (GHERARDI, 2018). Nestas formas de trabalho, o conhecimento sensível surge como alternativa à impossibilidade de uma descrição lógico-analítica e à formalização científica, permitindo entender os saberes enquanto incorporados. A compreensão deste conhecimento incorporado recai sobre aquilo que é produzido pelos indivíduos no uso de seus corpos para sentir e julgar, para sentir e agir, de modo a exibir o conhecimento pessoal (STRATI, 2007a).

A estética organizacional concentra-se na "materialidade e na corporeidade, diante das quais os indivíduos e grupos agem nas organizações, articulando sentimentos, desejos, gostos, talentos e paixões" (STRATI, 2010, p. 880). Ou seja, o distanciamento da visão cognitiva, diante da aproximação entre corpo e mente, frente à emergência do conhecimento sensível, que envolve os sentidos, os julgamentos estéticos, baseados em uma inteligibilidade social ampla em razão das racionalidades plurais e

contingentes (GHERARDI; STRATI, 2014). A partir de um processo permanente de construção mental, fruto da interação entre social e mecânico, da articulação entre percepção e sentidos e dos elementos abstratos (ROSE, 2007), os indivíduos acessam e constroem conhecimentos, que estão elucidados na conexão entre o praticante e sua prática, fruto da experiência sensível impressa nos sentidos.

Entendendo que a aprendizagem da prática da tatuagem decorre da corporificação do conhecimento, expresso enquanto conhecimento sensível (STRATI, 2007b), partindo de uma construção individual e única de cada indivíduo a partir de seu conhecimento sensível e de suas percepções mundanas, toda atividade na vida dos indivíduos é uma oportunidade para aprendizagem. À medida em que o conhecimento emerge de situações sociais casuais, não deve estar limitado às experiências de aprendizagem formais (ANTONELLO; GODOY, 2011). A aprendizagem, então, é concebida enquanto uma dinâmica de negociação e produção dos significados das palavras, ações, situações e artefatos materiais, de modo que o conhecimento acontece na ação e por meio das faculdades perceptivas (GHERARDI; NICOLINI; ODELLA, 1998).

O fazer é amparado por artefatos que carregam sentido e conhecimentos, ambos constituídos e dissolvidos sem uma ordem pré-definida (GHERARDI, 2018), pois esta é dada no fazer, advinda de uma natureza relacional, envolvendo as coisas e o desenvolvimento do *self*. Na prática da tatuagem, como um fazer guiado pela percepção dos sentidos humanos, o tatuador orienta sua ação de manusear os equipamentos, pela mão que toca a pele e que conduz a máquina de tatuagem, pelo olhar para o desenho que orienta o traço na pele ou pelo som emitido pela máquina de tatuagem ao tocar a pele. Neste sentido, Gagliardi (1996) explica que o ambiente físico e os artefatos interiores não compreendem um recipiente vazio de ação organizacional, mas são baseados em significados e experiências socialmente situados, e no cultivo seletivo de todos os nossos sentidos.

Os artefatos são resultado de um fenômeno cultural, que os torna capazes de intervir na vida organizacional, controlar e educar as faculdades sensoriais de seus integrantes e, assim, influenciar a forma pela qual os indivíduos percebem a realidade (GAGLIARDI, 1996). A presença dos artefatos no ambiente de trabalho proporciona o aprimoramento, a mudança e a reprodução do gosto. O artefato transporta o conhecimento apreendido pelo praticante a partir das práticas de trabalho com base em suas capacidades perceptivas-sensoriais individuais, envolvendo o que é obtido, o que é percebido e julgamento pelo gosto, no jeito de fazer.

O gosto é produzido durante o processo de aprendizagem, como uma prática social, em que o *learning* e o *knowing* ocorrem no e pelo fazer cotidiano, tornando o conhecimento sensível e a prática intimamente ligados (STRATI, 2007c). Tal característica, faz com que a prática não seja reconhecível fora de seu significado, o qual é criado intersubjetivamente e torna possível a reprodução competente de

uma prática repetidamente e seu refinamento ao ser praticado (ou seu abandono) é a negociação constante do que é considerado como a prática correta/bonita ou incorreta/feia. Com isso, a performatividade da prática repousa sobre o gosto que orienta e classifica os desempenhos na prática (GHERARDI, 2013), legitimando e padronizando o conhecimento profissional (GHERARDI, 2015). Diante disso, é possível manter o exercício competente da mesma ação ao longo do tempo e, portanto, segundo Gherardi (2009b) a repetição e reprodução do conhecimento no cotidiano, assegurando que, mesmo diante de ordenamentos distintos, seja possível realizar as mesmas práticas por distintos praticantes em diferentes situações.

O conhecimento sensível e o julgamento estético estão presentes de várias maneiras no conhecimento na prática (GHERARDI; STRATI, 2014), a partir dos sentidos humanos que dão vida ao conhecimento em termos não-mentalistas e anti-cognitivos, adquirido pela incorporação do saber e não apenas através do pensamento (STRATI, 2007a). Os conhecimentos sensíveis referem-se a uma forma de conhecimento tácito, sendo corpóreos, táteis e geralmente estéticos (STRATI, 1999, 2007b). Diferente do conhecimento explícito, o conhecimento sensível não pode ser confinado à esfera da cognição, nem ser traduzido em conhecimento cognitivo, sendo fruto da consciência de saber fazer algo sem ser capaz de fornecer uma descrição analítica adequada e, portanto, sem poder traduzi-lo em conhecimento formal e generalizável (POLANYI, 1958).

Garfinkel (1967) atenta para o fato de que grande parte das ações e interações das pessoas no saber-fazer da prática são baseadas em uma tecitura de pressupostos tácitos, os quais não são totalmente explicáveis, ou dado como certos. A ideia de tecitura está atrelada àquilo que é impalpável nas ações dos atores organizacionais, ocupando a esfera do imaginário, imerso por sentimentos de coletividade, reciprocidade, equívoco e mudanças, que se conectam e se cruzam (GHERARDI; STRATI, 1990). O conhecimento sensível é então ativado pelas faculdades sensoriais e pelo julgamento estético ao imergir a si mesmo na textura das interações organizacionais e ao empatizar com os atores organizacionais enquanto eles agem e interagem (GHERARDI; STRATI, 2014).

Tais elementos coadunam para o argumento de que o conhecimento da prática da tatuagem não pode ser transferido de uma pessoa à outra por meio de um passo-a-passo, como num manual de execução. Strati (2007a) observa que o conhecimento que não foi formalizado em termos científicos é difícil de ensinar mesmo quando um desejo explícito de aprender se manifesta. Isso porque, como Polanyi (1958) apontou, na prática cotidiana, muitas vezes estamos cientes de poder fazer algo, mas incapazes de descrever analiticamente como fazemos, explicá-lo cientificamente e, assim, transformá-lo em explícito, ao invés de conhecimento implícito e inteiramente pessoal.

A orientação para o fazer então ampara-se no julgamento estético (STRATI, 2009), considerando que no ato de ler e/ou ouvir, os praticantes ativam suas próprias faculdades perceptivas, as quais lhes permitem interpretar e dar sentido ao saber na prática. Isto é, para desempenhar a prática, os indivíduos necessitam articular mãos, braços, cabeças, corpos, palavras, linguagem e comunicação, situadas em interações, criando uma relação íntima, pessoal e corpórea do sujeito com a experiência do mundo, não podendo ser restrito às relações mais diretas, físicas e objetivamente observáveis (GHERARDI, 2012). Segundo Gherardi (2009a), o julgamento estético é responsável pela compreensão compartilhada e a justificativa sobre o modo de praticar de um determinado grupo de profissionais específicos.

Em suma, o julgamento estético é o processo que sustenta socialmente a formação do gosto e a sofisticação das práticas através da mobilização de conhecimento sensível (a capacidade corporal de perceber e de gosto), o compartilhamento de um vocabulário para avaliar a prática e sua performatividade. Contudo, sem a experiência sensível é impossível julgar esteticamente, visto que, é necessário experimentar a sensação que o fazer proporciona ao praticante, revelando-se como um *know-how* que não pode ser expresso em palavras ou demonstrações visíveis (PAREYSON, 1950).

Entende-se que o conhecimento sensível e o julgamento estético, e não apenas o raciocínio, são responsáveis por definir o artefato na dinâmica e nos processos organizacionais. Esses combinam-se para produzir uma visão de mundo ou *pathos*, ou seja, uma maneira de perceber e sentir a realidade organizacional através de apelos aos sentidos (visuais e auditivos) que, por sua vez, moldam a ação, crenças e valores culturais com implicações profundas (GAGLIARDI, 1996). Esse padrão de sensibilidade ou *pathos* é parcialmente conhecido através da estética e mostras espaciais delineadas anteriormente (arte da parede, música, a estética encarnada e o fazer dos tatuadores) bem como práticas de trabalho que significam uma arte que ultrapassa as fronteiras do convencionalmente criativo (GAGLIARDI, 1996).

O saber é entendido como um acontecendo, em virtude da relação mútua e equivalente entre praticar e conhecer, na interação entre a materialidade e o trabalho, entre o local de trabalho e os objetos de trabalho (GHERARDI; NICOLINI; STRATI, 2007). Amparando a produção de um *pathos*, o *knowing-in-practice* é mediado por artefatos organizacionais, materiais ou imateriais, duradouros ou efêmeros, expresso como um '*I-don't-know-what*' (FRANZINI, 1999), que se dá a partir da construção coletiva do senso de gosto (GHERARDI, 2013) presente tanto na atividade artística quanto no trabalho cotidiano das organizações. O conceito de gosto trata do apego dos praticantes ao objeto da prática e a negociação do julgamento estético sobre isso (GHERARDI, 2009a).

A elaboração do gosto refere-se ao processo de dar voz às experiências sensíveis e a negociação de critérios estéticos que apoiam o que constitui uma boa prática dentro de uma comunidade de

praticantes. Com isso, pode-se propor que a prática da tatuagem, enquanto uma questão de gosto, é estruturada e estruturante do *habitus* que faz com que os praticantes da tatuagem sejam reconhecidos como profissional desta prática e dos sentidos imbricados à forma orienta e ordena seus saberes e fazeres ao desempenhar as atividades imbricadas no próprio fazer.

Elucidar o conhecimento advindo dos sentidos e da percepção de gosto permite entender o trabalho como um saber-como (*know-how*) na situação em que o mesmo está sendo desempenhado, a partir das condições históricas específicas, emoções, sensações e sentimentos decorrentes de práticas anteriores que são transformadas em práticas atuais em decorrência das conexões estabelecidas no exato momento da ação, considerando o envolvimento de pessoas, objetos, linguagens, tecnologias, instituições e regras (GHERARDI, 2012). Na prática da tatuagem o senso de gosto pode ser expresso pelo conhecimento corporificado, como um tipo de conhecimento onde o corpo sabe agir, leva a uma atuação habilidosa que emerge nas e através das relações recíprocas que abrangem o corpo-no-mundo e o mundo-no-corpo (DALL'ALBA; SANDBERG; SIDHU, 2018; SIMPSON; PULLEN, 2018). Nesta relação, a prática conecta-se a um *pathos*, como um esquema de percepção e gosto (GAGLIARDI, 1996), fundada em valores culturais e estéticos que sustentam socialmente a prática da tatuagem. Enquanto uma forma de trabalho corporal (WOLKOWITZ, 2002), a prática da tatuagem requer a apropriação de conhecimento sensível, constituindo-se enquanto uma prática estética que é realizada diretamente no corpo, envolvendo o realce corporal permanente e um tratamento particularmente invasivo.

Assim, a estética organizacional é um elemento saliente em qualquer organização, mas na prática da tatuagem esses aspectos são potencializados, pois o próprio trabalho do tatuador lança mão do ver, do ouvir e do sentir. O conhecimento sensível articula a interação entre as faculdades sensoriais e perceptivas e o julgamento sensitivo-estético (SIMPSON; PULLEN, 2018), marcantes em trabalhos como o da tatuagem, que são aprendidos na articulação entre o corpo, as mãos e os equipamentos; expresso no sentido presente no cheiro de *sprays* anti-sépticos; no barulho da máquina no momento em que a agulha toca a pele; no senso de profundidade ao inserir o pigmento na pele; na textura da pele sentida no traço, envolvendo a incorporação do sentido de gosto entre o certo e o errado, bom e ruim, bonito e feio.

Segundo Simpson e Pullen (2018), o conhecimento sensível pode encorajar o pensamento da forma humana em conjunção com artefatos e espaço. Diante de tal afirmação, na prática da tatuagem, o fazer leva em consideração os corpos trabalhados e as disposições incorporadas em elementos da paisagem, construindo percepções e significados. A construção dos saberes então se dá na interação entre os artefatos, permitindo a compreensão de como tal trabalho é definido e vivenciado. Com isso, o

conhecimento sensível torna-se basilar ao aprendizado cotidiano dos tatuadores, implicando numa fonte de saberes condicionantes do trabalho, em que, ao mesmo tempo que está imbricado na aparência corporal, metaforicamente combina o corpo com características da paisagem (e vice-versa).

INCORPORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO *HABITUS* ATRELADO A PRÁTICA SOCIAL

A prática da tatuagem está intimamente ligada ao *habitus* estruturante e estruturado deste ofício, a partir de representações que são tanto reguladas, como regulares do *know-how* da prática, não como uma sequência de regras estanque, mas como possibilidade de ser tecida coletivamente sem ser o produto da prática um único mestre. Segundo Bourdieu (1992), a prática retrata uma lógica difusa, uma vez que só pode ser apreendida no fazer, a partir do movimento temporal que a determinou, estando inscrita sob padrões incorporados e materiais de ações que são organizadas em torno dos entendimentos implícitos comuns aos praticantes. O entendimento de *habitus* perpassa as estruturas constitutivas de um determinado ambiente, sustentadas por uma malha de disposições duráveis, transponíveis e que formam estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes (BOURDIEU, 1977).

Ao capturar a prática social, o *habitus* se constitui entorno de um padrão de ações, modos de agir e estar no mundo, sendo de significado coletivo, propondo estruturas cognitivas em que os agentes sociais implementem um conhecimento prático do mundo social, resultando em estruturas corporais incorporadas, ou seja, um nexo articulado de atividades corporais, artefatos materiais e conhecimento prévio (BOURDIEU; WACQUANT, 1992). Em particular, o *habitus* é produzido por condicionamentos em uma classe específica de condições de existência. Pode, portanto, ser definido como conjuntos de disposições duráveis e transferíveis, que, como princípios que geram e organizam práticas e representações, podem ser objetivamente adaptadas a seus propósitos, sem pressupor a colocação consciente de fins ou um conhecimento profundo e específico da realidade (GHERARDI, 2006).

Há uma cumplicidade ontológica entre a estrutura e *habitus*, entendida como importante para sintetizar objetividade e subjetividade (BOURDIEU; WACQUANT, 1992), contribuindo para a compreensão da prática. Face ao subjetivismo, o *habitus* possibilita explicar como os agentes podem se sentir confortáveis em suas práticas sociais e, às vezes, agir sem pensar (SAYER, 2010). Por outro lado, o objetivismo fornece um horizonte concreto e histórico para a compreensão dos agentes inseridos em uma teia de práticas condicionadas (LASH, 1994). O *habitus* compreende um sistema de estruturas estruturadas, enquanto princípios que geram e organizam práticas e representações, objetivamente adaptadas aos seus resultados sem estabelecer um fim determinado ou controle de operações necessárias para alcançá-las (BOURDIEU, 1992).

Em alternativa aos conceitos de ação racional e normativa, a prática propõe resolver a dicotomia entre agência e estrutura, conectando a dimensão individual e coletiva (GHERARDI, 2006). A combinação entre agente-estrutura é o que Bourdieu denominou construtivismo estruturalista (GHERARDI, 2006), no qual a combinação da estrutura objetiva – campo – se relaciona com o individual subjetivo – agente – mediados pelo *habitus*. Suportado por elementos teóricos, Bourdieu propôs quebrar com a dicotomia entre estrutura e agência, ao argumentar que ambas residem dentro de um mesmo *habitus*, moldando-se mutuamente. Segundo Bourdieu (1977), a relação agente-estrutura é mediada pelo conceito de *habitus*, que representa a criação de esquemas mentais de percepção, pensamento e ação que caracterizam o comportamento dos indivíduos, ou seja, é produto da fixação e apropriação de objetos do sistema estrutural.

Para Bourdieu e Wacquant (1992), o *habitus* atua como uma ferramenta conceitual, condicionada a modos de pensamento, opinião e comportamento, enquanto internalização da experiência acumulada ao longo da vida. Neste ponto, o *habitus* de Bourdieu apoia a investigação da interação entre as dimensões individual e coletiva na aprendizagem organizacional, constituindo um entendimento socialmente compartilhado da prática. Crossley (2001) argumenta que a teoria do *habitus* de Bourdieu representa um fragmento da teoria da prática, uma pedra angular, ao resolver o que ele considera ser uma descontinuidade fundamental entre subjetivismo e objetivismo (CHANDLER, 2013). Na lógica de Bourdieu, o *habitus* é o conceito chave da síntese entre subjetividade-objetividade, uma vez que representa o fundamento construtivo da prática, participando tanto na interiorização do exterior, mas também na exteriorização do interior. Ou seja, a prática é produto da relação dialética entre a estrutura interiorizada pela história do grupo ou da classe social (*habitus*) e a estrutura social presente, atuando na produção e transformação do *habitus* pela ação cotidiana. A prática é formada na repetição de ações, que tem a função de gerar o *habitus*.

Diante disso, a teoria da prática, vista sob a lógica de Bourdieu está voltada à resolução da dicotomia entre análise objetiva ou estrutural e análise subjetiva ou fenomenológica (CHANDLER, 2013). Para Bourdieu, a prática permite ir além da dicotomia entre consciente e inconsciente (GRENFELL, 2012), tendo em vista que sua natureza intuitiva se assemelha às particularidades que formam o *habitus*, atuando no nível abaixo da consciência (BOURDIEU, 1984, p. 466). Através da prática, os atores estruturam o mundo produzindo significado, frente a uma estruturação que só é possível mediante a incorporação de esquemas, os quais são constituídos ao longo da história e adquiridos pelo indivíduo através da socialização (BOURDIEU, 1985).

Como na prática da tatuagem, as práticas são organizadas e orientadas segundo disposições específicas definidas pelos profissionais que legitimam a prática e que entram em conflitos e

negociações sobre o significado e os múltiplos atos de como realizar práticas seguras de trabalho e organização. Para tornar-se socialmente reconhecida, a tatuagem como prática ancora-se por um *habitus*, que considera não apenas os aspectos conhecidos, mas também requer a definição de elementos e significados emergentes para impulsionar a ação. Para Bourdieu (1977), a incorporação não é vista como uma marca social ou cultural, mas enquanto aquisição ativa do mundo social por meio da representação mimética dos movimentos, atitudes e gestos de outros agentes. Os indivíduos então (re)criam esses esquemas através de suas ações práticas porque eles são impostos/inscritos no corpo e nunca passaram pela sua consciência. O *habitus* não é um produto de cálculo teórico, mas sim uma maneira de consentir a prática (BOURDIEU, 1985).

O *habitus* torna a história do agente uma "segunda natureza", de modo que a singularidade da prática atue como uma estratégia de "improvisação regulada" (BOURDIEU, 1977, p. 79). Essa segunda natureza representa o ajuste às necessidades da situação, ao mesmo tempo em que reproduz as condições socioeconômicas da prática social, ou seja, ao mesmo tempo em que os agentes se ajustam estrategicamente à situação imediata, as disposições do *habitus* reproduzem, de maneira sutil, sua própria condição de produção (CHANDLER, 2013). Em outras palavras, a teoria de prática para Bourdieu está compreendida na relação entre as práticas dos atores e as estruturas objetivas e sociais introduzidas, as quais são mediadas pelo conceito de *habitus*, e ocorrem de forma tácita (BOURDIEU, 1977; GHERARDI, 2006).

Ao refletir um conjunto de padrões adquiridos de significado, crenças, comportamentos e gostos, o *habitus* visa capturar empiricamente o sistema das estruturas de um campo particular na forma de regularidades associadas a eles (GHERARDI, 2006). No entanto, são essas mesmas estruturas que produzem o *habitus*, que por sua vez é consequentemente construído na prática e sempre voltado para funções práticas, de modo a organizá-las e percebê-las (BOURDIEU, 1984, 1986). Neste âmbito, a prática vista por Bourdieu é compreendida pela relação entre as práticas dos atores e as estruturas objetivas sociais, mediadas pelo conceito de *habitus*, ocorrendo de forma tácita (GHERARDI, 2006). As práticas são coletivamente orquestradas sem serem o resultado da ação organizadora de um maestro de orquestra (BOURDIEU, 1972). A maneira pela qual os hábitos adquiridos tomam forma em um comportamento reconhecível e competente dependem também das expectativas normativas e dos critérios estéticos de estilo.

No contexto da aprendizagem, Bourdieu (2000) argumenta sobre seu caráter situado, natureza incorporada, e evidencia suas dimensões emocionais. Para Chandler (2013), as disposições aprendidas através da prática corporal ou pelas categorias sociais, possibilitam aos agentes atuarem sem uma determinação consciente e rigorosa, de modo que se (re)ajustem, instintivamente às circunstâncias

vivenciadas. Por um lado, o ajuste às normas que organizam as performances individuais no contexto de uma prática, e por outro, a violação dessas normas implica em um desempenho ininteligível e, portanto, não reconhecível como um modo competente de agir por outros participantes. Tais argumentos teóricos lançam luz sobre os saberes do trabalho da tatuagem enquanto produto de um *habitus* específico e do conhecimento sensível, que estão condicionados aos saberes construídos e transformados na prática e por meio dessa.

O *habitus* também trata das inclinações estéticas absorvidas pelos indivíduos a partir do meio no qual estão inseridos. Assim, ele pode ser incorporado de maneira inconsciente, corroborando para formar o a percepção de gosto e o modo pelo qual os indivíduos agem para construção das práticas. Para Bourdieu, a construção do gosto do que é belo, certo, ou bom ocorre como resultado de um hábito social, uma vez que dentro de um determinando campo, as pessoas apresentam noções compartilhadas de vestimenta, gosto musical e até determinado paladar. O gosto atua na construção de uma orientação social, possibilitando uma capacidade de discernimento, pré-reflexiva, que baseada no *habitus*, é capaz de guiar os indivíduos que ocupam uma determinada posição no espaço social quanto a produção de práticas (BOURDIEU, 2007).

Neste processo, os artefatos atuam como símbolos e os instrumentos da interação social, envolvendo conhecimento e comunicação, possibilitando o consenso acerca do mundo social, contribuindo fundamentalmente para a reprodução da ordem social (BOURDIEU, 1998). Por meio da experiência compartilhada no *habitus* da ocupação ou profissão, os significados práticos são transformados em procedimentos formais. No caso da tatuagem, os significados são constituídos em torno da não-conformidade, da arte convencional e do profissionalismo, permitindo que os tatuadores formem um *pathos* baseado em valores culturais de uma estética *cool* (SIMPSON; PULLEN, 2018).

Tal constatação ampara-se no conceito de *habitus* de Bourdieu (1977, 1984), enquanto um conjunto de disposições incorporadas e à noção de paisagem organizacional de Gagliardi (1996), segundo a qual artefatos e espaço se combinam para produzir um *pathos* organizacional. O *pathos* que permeia a prática da tatuagem atua como um esquema de percepção e gosto (GAGLIARDI, 1996) dos valores culturais do conhecimento sensível, os quais são incorporados ao *habitus.* Enquanto um conjunto particular e admirado de atitudes, práticas e exibições (BOTZ-BORNSTEIN, 2010), a prática da tatuagem é então construída por um esquema de gosto, incorporada dentro do *habitus*, e que permite gerenciar as tensões associadas com o trabalho (SIMPSON; PULLEN, 2018). O *habitus* atua como elo entre a estrutura (campo) e o agente (indivíduo). Como prática social continuada, a tatuagem persistiu e persistirá como um sintoma da complexa relação entre o corpo físico e social.

Portanto, o mundo prático é construído em relação aos *habitus* que funcionam como sistemas de estruturas cognitivas e motivacionais, constituindo um mundo de fins já alcançados e de objetos, instrumentos ou instituições dotadas de sentido. A constituição do *habitus* envolve então as percepções e concepções do indivíduo, condicionadas pelas estruturas do ambiente em que são engendradas (STAHL; BURNARD; PERKINS, 2017). O *habitus* evoca as inclinações estéticas que são absorvidas pela prática a partir da interação social, sendo incorporado de maneira inconsciente para formar o modo de agir dos indivíduos diante das práticas.

A partir destas interpretações, propõem-se que o *habitus* de Pierre Bourdieu atue como orientador da experiência dos indivíduos, facilitando a transição para a aprendizagem ao direcionar o fazer do praticante, possibilitando que este adquira e incorpore uma versão institucionalizada dos saberes que formam determinada prática social. Assim, os saberes da prática envolvem uma combinação de *habitus* inconscientes, que são repetidos pelos indivíduos que realizam a prática em determinado contexto histórico e cultural, estando além da prática racional.

Nesta concepção, a formação do gosto ocorre sem que se questione o 'saber como', portanto é resultado do *habitus* social. Com isso dentro de determinada prática os indivíduos apresentam noções compartilhadas de conhecimento sensível e gosto, a partir do *habitus* a que estão condicionados. Entende-se então, que a prática é reproduzida repetidas vezes até tornar-se parte de um *habitus*, que por sua vez atua como um termômetro que possibilita ao praticante durante sua atuação assimilar essas estruturas normativas e afetivas que permitiram reconhecer a prática como tal. Assim, o *habitus* torna-se parte do movimento dinâmico, em que a prática social é colocada em intercâmbio com a experiência, permitindo que o conhecimento se dê no e pelo fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do objetivo de desenvolver uma articulação teórica entre o conhecimento sensível e *habitus* para compreender como a prática da tatuagem é produzida, reproduzida e transformada, este estudo tece compreensões sobre a imaterialidade incorporada no *habitus*, que por sua vez, amarra e direciona a interação entre espaço, artefatos, disposições e práticas, que em conjunto tecem os saberes na prática da tatuagem. A conexão entre esquemas de percepção e gosto sustenta a incorporação da prática como parte de um *habitus* e um padrão de julgamentos estéticos, que são definidos e interpretados segundo a experiência sensível de cada praticante.

O *habitus* e o conhecimento sensível estão ancorados e conectados por práticas que orientam fazeres e dizeres, apoiando a construção dos saberes durante a prática, por meio de experiências

sensíveis (sentir e experienciar), onde os sujeitos aprendem pela prática cotidiana. O *habitus* influência como o conhecimento sensível é adquirido e utilizado, e como os praticantes interpretam disposições sobre como agir em situações cotidianas, possibilitando que o conhecimento sensível seja acessado de maneira fluida e natural. Ao mesmo tempo, o conhecimento sensível molda e refina o *habitus* ao longo do tempo, refinando as disposições sobre o que é considerado importante e adequado à prática da tatuagem.

O aprendizado das práticas ocorre durante o fazer, estando situado no aqui e no agora da prática, fruto do entrelaçamento entre o *habitus* e o conhecimento sensível. Pela prática, o *habitus* e o conhecimento sensível se configuram como um fluxo corrente do encontro entre disposições incorporadas ao longo de histórias individuais e posições ocupadas em contextos mais amplos, mas específicos e parcialmente únicos a cada praticante.

A exemplo da prática da tatuagem, trabalhos decorrentes de um conhecimento tácito são guiados pela lógica da praticidade, formada pelo nexo de disposições específicas de determinado campo. Assim, a prática constituiu o elo entre o *habitus* de Bourdieu e as perspectivas que tratam do conhecimento sensível e do julgamento estético (STRATI, 2007b), considerando-se que, passado e presente estão interligados num *continuum*, de modo que as práticas e os saberes são, ao mesmo tempo, construídos e reconstruídos enquanto são performados.

Há uma combinação quase perfeita entre social e singular, onde a prática social se estabelece pelos limites do contexto e de uma posição relacional, fluindo do encontro entre o *habitus* (reconhecimento coletivo) e o conhecimento sensível (reconhecimento individual). Como as práticas fluem da relação entre *habitus* e conhecimento sensível, é possível tanto decifrar a topologia da primeira, como as trajetórias pelas quais a última se forja, assim os participantes interagem uns com os outros, amparados por artefatos e pelo julgamento estético, legitimando fazeres e compartilhando experiências sensíveis.

As práticas são forjadas nos e através dos esquemas de percepção que apoiam os praticantes enquanto constroem a realidade organizacional, orbitando em torno do *habitus* que guia suas ações dentro de contextos sociais mais amplos onde estão inseridos, e de julgamentos estéticos sobre como esta realidade deveria ser produzida, reproduzida e transformada nas situações comuns do fazer cotidiano. Na passagem do ser para o tornar-se, os praticantes criam vínculos com o objeto da prática no momento e no espaço do praticar, guiados pelo conhecimento sensível que constitui o julgamento sobre a correção ou não da prática. Assim, o *knowing-in-practice* supera o caráter meramente cognitivo da aprendizagem, e atinge a esfera física, na qual o *habitus* e o conhecimento sensível tanto assumem o

papel de guias durante a realização das práticas, permitindo que os saberes sejam constantemente construídos e reconstruídos, como também são ressignificados pela prática.

No que concebe os trabalhos como o da tatuagem, a aprendizagem é expressa por um *continum* de produção e reprodução de saberes, mediado pelo conhecimento sensível e pelo *habitus.* O conhecimento sensível está presente nas ações, situações e na interação com artefatos materiais, tornando possível a construção do conhecimento por meio da teia de sentidos e saberes articulados que se traduzem no *habitus.* O *habitus* é tanto constituído na prática como é sua parte constituinte, estado assim, condicionado ao fazer cotidiano, a partir de disposições incorporadas, sendo constantemente moldado e remodelado na e pela prática.

O *habitus* é moldado e reforçado pela prática, resultando em um conhecimento incorporado e fluido que torna a prática da tatuagem reconhecida pelo padrão social da comunidade e capaz de produzir a visão profissional da boa prática. Neste sentido, o conhecimento sensível é responsável por moldar e orientar a prática da tatuagem, emergindo no *habitus* compartilhado e nas práticas em torno deste, mediante a interação com os artefatos, ações e o espaço, que dão sentido à prática social.

A relevância deste estudo está em considerar observar as especificidades da aprendizagem enrustida na materialidade, levantando questões relevantes sobre a articulação entre pessoas, conhecimento tácito e o *habitus* dentro de uma dinâmica social mais ampla, trazendo implicações importantes para a vida de trabalhadores cujo ofício não pode ser aprendido dentro dos ambientes formais de aprendizagem. Assim, torna-se relevante traçar novas investigações sobre trabalhos como o da tatuagem enquanto produto do processo de *knowing-in-practice* dentro do campo de estudos organizacionais. O interesse pela prática da tatuagem busca instigar o interesse e a valorização de trabalhos desprovidos de *status* e prestígio social, despertando para o reconhecimento do conhecimento construído unicamente no cotidiano, em que saber e fazer estão entremeados, não sendo possível acessá-los por outros meios que não seja na prática.

Este estudo também desperta para o fato de que o conhecimento intelectual e racional das organizações não contém elementos suficientes para o desenvolvimento de estudos que visam compreender o fenômeno dos saberes do trabalho (ROSE, 2009). Com isso, busca-se instigar pesquisadores a investigar a aprendizagem do trabalho comum, enquanto resultado de experiências e sentidos do cotidiano da prática, das concepções sobre si mesmo e de uns sobre os outros, das maneiras com as quais se usa a mente para aprender, construir conhecimento, resolver problemas e estabelecer a trajetória profissional (ROSE, 2009).

Acredita-se que este campo de estudo ainda tem muito a ser explorado, possibilitando que pesquisadores interessados nos processos de conhecer e organizar *(organizing)* se lancem em novas

abordagens, principalmente dentro dos estudos baseados em prática. Neste sentido, a prática da tatuagem, enquanto um tipo de trabalho comum, marcado pelo estigma de *outsiders*, em função do *status* e do tempo que os profissionais dedicam à sua formação elucida a necessidade de perceber e reconhecer a existência estigmas sobre determinadas ocupações.

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, C. S. "A metamorfose da aprendizagem organizacional: uma revisão crítica". *In*: RUAS, R.; ANTONELLO, C. S.; BOFF, L. H. (eds.). **Aprendizagem organizacional e competências**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2005.

ANTONELLO, C. S. "Contextos do saber: a aprendizagem informal". *In*: ANTONELLO, C. S.; GODOY A. S. (eds.). **Aprendizagem organizacional no Brasil**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2011.

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. "A encruzilhada da aprendizagem organizacional: uma visão multiparadigmática". **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 14, n. 2, 2010.

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. **Aprendizagem organizacional no Brasil**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2011.

BARATO, J. N. **Educação profissional**: saberes do ócio ou saberes do trabalho? São Paulo: Editora Senac, 2004.

BARCELLOS, R. M. R.; DELLAGNELO, E. H. L. "A Teoria Política do Discurso como abordagem para o estudo das organizações de resistência: reflexões sobre o caso do Circuito Fora do Eixo". **Organizações e Sociedade**, vol. 21, n. 70, 2014.

BERTOLIN, R. V.; ZWICK, E.; BRITO, M. J. "Aprendizagem organizacional socioprática no serviço público: Um estudo de caso interpretativo". **Revista Administração Pública**, vol. 47, n. 2, 2013.

BISPO, M. S. "A aprendizagem organizacional baseada no conceito de prática: contribuições de Silvia Gherardi". **Revista de Administração Mackenzie**, vol. 14, n. 6, 2013.

BISPO, M. S.; GHERARDI, S. "Flesh-and-blood knowing Interpreting qualitative data through embodied practice-based research". **RAUSP Management Journal**, vol. 54, n. 4, 2019.

BISPO, M. S.; GODOY, A. S. "A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para a investigação da aprendizagem nas organizações". **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 16, n. 5, 2012.

BLACKLER, F.; CRUMP, N.; MCDONALD, S. "Organizing Processes in Complex Activity Networks". *In*: NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. **Knowing in organizations**: a practice-based approach. New York: M. E. Sharpe, 2003.

BOTZ-BORNSTEIN, T. "What does it mean to be cool?". **Philosophy Now**, vol. 80, 2010.

BOURDIEU, P. “Habitus, Code et codification”. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, vol. 64, 1986.

BOURDIEU, P. “Making the economic habitus: Algerian workers revisited”. **Ethnography**, vol. 1, n. 1, 2000.

BOURDIEU, P. “The social space and the genesis of groups”. **Information**, vol. 24, n. 2, 1985.

BOURDIEU, P. **A distinção**. São Paulo: Editora da USP, 2007.

BOURDIEU, P. **Distinction**: A Social Critique of the Judgment of Taste. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

BOURDIEU, P. **Esquisse d’une Théorie de la Pratique**. Paris: Librairie Droz, 1972.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, P. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BOURDIEU, P. **The Field of Cultural Production**: Essays on Art and Literature. Nova York: Columbia University Press, 1993.

BOURDIEU, P. **The Logic of Practice**. Cambridge: Polity Press, 1992.

BOURDIEU, P. **Raisons pratiques**: sur la the´orie de l’action. Paris: Seuil, 1994.

BOURDIEU, P.; WACQUANT L. **Um convite à sociologia reflexiva**. Buenos Aires: Editores Siglo XXI, 2005.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. J. D. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: University of Chicago press, 1992.

CHANDLER, B. “The subjectivity of habitus”. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, vol. 43, n. 4, 2013.

CHIESA, C. D. *et al*. “Tramando arames, pedras e fios: espaço e estigma no trabalho de um artista”. **Ciências Sociais Unisinos**, vol. 5, n. 1, 2015.

COOK, S. D. N.; BROWN, J. S. “Bridging epistemologies: The generative dance between organizational knowledge and organizational knowing”. **Organization Science**, vol. 10, n. 4, 1999.

CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. “Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading?”. **Management Learning**, vol. 41, n. 3, 2010.

CROSSLEY, N. **The social body***:* Habit, identity and desire. London: Sage Publications, 2001.

CUEL, R. “A journey of learning organization in social science: interview with Silvia Gherardi”. **The Learning Organization**, vol. 27, n. 5, 2020.

DALL’ALBA, G.; SANDBERG, J.; SIDHU, R. K. “Embodying skilful performance: Co-constituting body and world in biotechnology”. **Educational Philosophy and Theory**, vol. 50, n. 3, 2018.

DURANTE, D. G. *et al*. "Aprendizagem organizacional na abordagem dos estudos baseados em prática: Revisão da produção científica". **Revista de Administração Mackenzie**, vol. 20, n. 2, 2019.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. "Theorizing practice and practicing theory". **Organization Science**, vol. 22, n. 5, 2011.

FERREIRA, V. S. "Entre as Belas-Artes e as Artes de Tatuar: novos itinerários de inserção profissional de jovens tatuadores em Portugal". **Antropolítica**, vol. 37, 2014.

FIGUEIREDO, M. D.; CAVEDON, N. R. "Transmissão do Conhecimento Prático como Intencionalidade Incorporada: Etnografia numa Doceria Artesanal". **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 19, n. 3, 2015.

FLACH, L.; ANTONELLO, C. S. "Organizações culturais e a aprendizagem baseada em práticas". **Cadernos EBAPE**, vol. 9, n. 1, 2011.

FONSECA, S. A. **Ingredientes da aprendizagem social**: um estudo na cozinha de um restaurante da grande São Paulo (Tese de Doutorado em Administração). São Paulo: UPM, 2013.

FRANZINI, E. **Estética e filosofia dell'arte**. Milano: Editora Guerini, 1999.

GAGLIARDI, P. "Exploring the aesthetic side of organizational life". *In:* CLEGG, S.; HARDY, C. (eds.). **Handbook of Studying Organizations**. London: SAGE, 1996.

GALLON, S. *et al*. "Formas de aprendizagem e saberes no trabalho de manicures". **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, vol. 10, n. 1, 2016.

GARFINKEL H. **Studies in ethnomethodology**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.

GHERARDI, S. "From organizational learning to practice-based-knowing". **Human Relations**, vol. 54, n. 1, 2001.

GHERARDI, S. "How the turn to practice may contribute to working life studies. Nordic". **Journal of Working Life Studies**, vol. 5, 2015.

GHERARDI, S. "Introduction: the critical power of the 'practice lens'". **Management Learning**, vol. 40, n. 2, 2009b.

GHERARDI, S. "Knowing and learning in practice-based studies: an introduction". **The Learning Organization**, vol. 16, n. 5, 2009a.

GHERARDI, S. "Practice-based theorizing on learning and knowing in organization: An introduction". **Organization**, vol. 7, n. 2, 2000.

GHERARDI, S. "Practices and Knowledges". **Teoria e Prática em Administração**, vol. 8, n. 2, 2018.

GHERARDI, S. "Prática? É uma questão de gosto!". **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, vol. 2, n. 1, 2013.

GHERARDI, S. **How to conduct a practice-based study**: problems and methods. Massachusetts: Elgar Publishing Limited, 2012.

GHERARDI, S. **Organizational knowledge**: the texture of workplace learning. London: Blackwell, 2006.

GHERARDI, S. "Situated knowledge and situated action: what do practice-based studies promise?". *In*: BARRY, D.; HANSEN, H. (eds.). **Sage Handbook of the New and Emerging in Management and Organization**. London: Sage, 2008.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D.; ODELLA, F. "Toward a social understanding of how people learn in organizations: The notion of situated curriculum". **Management Learning**, vol. 29, n. 3, 1998.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D.; STRATI, A. "The passion for knowing". **Organization**, vol. 14, n. 3, 2007.

GHERARDI, S.; PERROTTA, M. "Becoming a Practitioner: Professional Learning as a Social Practice". *In*: BILLETT, S.; HARTEIS, C.; GRUBER, H. (eds.). **International handbook of research in professional and practice-based learning**. London: Springer, 2014.

GHERARDI, S.; STRATI, A. "Luigi Pareyson's Estetica: Teoria della formatività and Its Implications for Organization Studies". **Academy of Management Review**, vol. 42, n. 4, 2016.

GHERARDI, S.; STRATI, A. "The 'texture' of organizing in an italian university department". **Jornal of Management Studies**, vol. 27, 1990.

GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. São Paulo: Editora Elsevier, 2014.

GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu**: Key Concepts. Durham: Acumen Publishing, 2012.

HANCOCK, P.; TYLER, M. "The look of love: gender and the organization of aesthetics". *In*: HASSARD, J.; HOLLIDAY, R.; WILLMOTT, H. (eds.). **Body and organization**. New York: Sage, 2000.

LASH, S. "Reflexivity and its doubles: Structure, aesthetics, community". *In*: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (eds.). **Reflexive Modernization**. Cambridge: Polity Press, 1994.

LATOUR, B. "On recalling ANT". **The Sociological Review**, vol. 47, n. 1, 1999.

LATOUR, B. **Reassembling the social**: an introduction to actor-network theory. New York: Oxford University Press, 2005.

LOPES, L. L. S.; SOUZA, E. M.; IPIRANGA, A. S. R. "Desvelando as categorias estéticas na organização de um pequeno restaurante". **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, vol. 3, n. 1, 2014.

NICOLINI, D. **Practice Theory, Work, and Organization**: An Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2013.

NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. "Introduction: toward a practice-based view of knowing and learning in organizations". *In*: NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. (eds.). **Knowing in Organizations**: a practice-based approach. New York: M. E. Sharpe, 2003.

ORLIKOWSKI, W. J. "Knowing-in-practice: enacting a collective capability in distributed organizing". **Organization Science**, vol. 13, n. 3, 2002.

PAREYSON, L. “Arte e conoscenza: Intuizione e interpretazione”. **Filosofia**, vol. 2, 1950.

POLANYI, M. **Personal knowledge, towards a post critical epistemology**. Chicago: University of Chicago Press, 1958.

POLANYI, M. **The Tacit Dimension**. Chicago: The University of Chicago Press, 1966.

ROSE, M. “Blue-collar brilliance: questioning assumptions about intelligence, work, and social class”. **American Scholar**, vol. 78, n. 3, 2009.

ROSE, M. **O Saber do Trabalho**: valorização da inteligência do trabalhador. São Paulo: Editora Senac, 2007.

SAYER, A. “Reflexivity and the habitus”. *In*: ARCHER, M. S. (ed.). **Conversations about Reflexivity**. New York: Routledge, 2010.

SILVA, J. O.; MELO, N. S.; VASCONCELOS, A. C. L. “A astúcia invisível de mulheres trabalhadoras de escola”. **Psicologia em Revista**, vol. 20, n. 3, 2014.

SIMPSON, R.; PULLEN, A. “Cool Meanings: Tattoo Artists, Body Work and Organizational Bodyscape”. **Work, Employment and Society**, vol. 32, n. 1, 2018.

SIQUEIRA, É. S.; SILVA, F. C. L.; SILVA, M. H. “Informalidade e resistência cultural: o trabalho das artesãs do Alto do Moura-Caruaru–PE”. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, vol. 8, n. 1, 2021.

STAHL, G.; BURNARD, P.; PERKINS, R. “Critical Reflections on the Use of Bourdieu’s Tools ‘In Concert’toUnderstand the Practices of Learning in Three Musical Sites”. **Sociological Research Online**, vol. 22, n. 3, 2017.

STRATI, A. “Aesthetic Understanding of Organizational Life”. **Academy of Management Review**, vol. 17, n. 3, 1992.

STRATI, A. “Aesthetic understanding of work and organizational life: Approaches and research developments”. **Sociology Compass**, vol. 4, n. 10, 2010.

STRATI, A. “Do You Do Beautiful Things?”: Aesthetics and Art in Qualitative Methods of Organization Studies”. *In*: BUCHANAN, D.; BRYMAN, A. (eds.). **The SAGE handbook of organizational research methods**. London: SAGE Publications Ltd, 2009.

STRATI, A. “Knowing in practice: aesthetic understanding and tacit knowledge”. *In*: NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. (eds.). **Knowing in organizations**: A practice-based approach. Armonck: M. E. Sharpe, 2003.

STRATI, A. “Sensations, Impressions and Reflections on the Configuring of the Aesthetic Discourse in Organizations”. **Aesthesis**, vol. 1, n. 1, 2007c.

STRATI, A. “Sensible knowledge and practice-based learning”. **Management Learning**, vol. 38, n. 1, 2007a.

STRATI, A. “The aesthetic approach in organization studies”. *In*: LINSTEAD, S.; HÖPFL, H. J. (eds.). **The aesthetics of organization**. London: Sage Publications, 2000.

STRATI, A. **Organização e Estética**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007b.

STRATI, A. **Organization and aesthetics**. London: Sage, 1999.

WHITTINGTON, R. "Strategy as practice". **Long Range Planning**, vol. 29, n. 5, 1996.

WOLKOWITZ, C. "The social relations of body work". **Work, Employment and Society**, vol. 16, n. 3, 2002.

YANOW, D. "Organizational learning and the learning organization: Developments in theory and practice". **Management Learning**, vol. 32, n. 2, 2001.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 13 | Nº 38| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima